



DILU MACHADO

SOB O SOL DE SALVADOR

*Memórias de um
Guia em Terras Baianas*

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Rita Galo

IMAGEM DA CAPA: depositphotos.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M149s MACHADO, Dilu. 1951 –.
Sob o sol de Salvador / Dilu Machado – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
78 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-500-3

1. Relatos e causos turísticos 2. Turismo, guia I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Da fleugma inglesa

1.

Há alguns anos atrás o S. S. Queen Elizabeth atracou no porto de Salvador. Fazia muito calor, 35° centígrados e um grupo de passageiros descia as escadas do navio e dirigia-se ao *pier* para pegar o ônibus que fazia o *sight-seeing* pela cidade. O grupo compunha-se de senhoras de meia idade, vestidas elegantemente em trajes de bolinhas, usando pequenas luvas brancas, chapéus, óculos escuros e bolsas de palha. Estavam acompanhadas por senhores idosos que caminhavam e mancavam elegantemente, apoiados em finas bengalas, vestidos em impecáveis e engomados paletós brancos, usando chapéus tipo Panamá e protetores de nariz para o sol escaldante. Uma senhora inglesa, sozinha, acompanhava o grupo e procurava com os olhos sua companheira de viagem, quando a avistou, adiantada, entrando no ônibus. Começou a chamá-la em voz alta, acenando-lhe *hello! hello!* Como essa não a via, a senhora foi se afastando do grupo, para se destacar, caminhando de costas, acenando freneticamente na dire-

ção da amiga, tentando chamar sua atenção: *hi! hi!*, Caminhava cada vez mais para trás, até que despencou do píer e caiu no mar. Gritos de *help! help!* foram ouvidos em toda a área e uma bóia salva-vidas foi imediatamente lançada ao mar em direção à inglesa que foi içada para a terra. Resgatada, já no pier, toda suja e enlameada suas únicas palavras foram: “*My glasses! My glasses! I lost my glasses!*”⁵

2.

Convidei dois irmãos ingleses que hospedei aqui em casa para um casamento. Festa formal, requeria trajes finos. Foram todos vestidos a caráter, de terno e gravatas e lá encontrarem duas conhecidas brasileiras: a professora de samba e a outra, de português. Dirigiram-se a elas e iniciaram um papo educado e respeitoso. Observei que, de vez em quando, durante a conversa, descansavam delicadamente suas mãos nos glúteos das moças (devidamente cobertos) e assim permaneciam por algum tempo, vez ou outra fazendo uma leve e imperceptível pressão sobre eles, daquele tipo que fazemos quando testamos um melão no mercado. No outro dia me contaram escandalizadas que uma delas foi até alvo de um rápido beliscão em sua nádega. Tudo na maior fleugma e educação britânica...

5 – Meus óculos! Meus óculos! Perdi os meus óculos!

De estudantes suíços ingênuos e voluntários corajosos

1.

Os suíços alemães que recebi aqui em casa tinham o hábito de após o banho de mar, ainda na praia, trocar o calção molhado por uma roupa seca. Colocavam uma pequena toalha em volta da parte baixa do corpo e trocavam o calção ali mesmo, na frente de todo mundo, equilibrando-se, com a toalhinha em volta. Mesmo assim sempre aparecia um pedaço de bunda branca ou um penduricalho e isso chamava muita atenção na praia, principalmente das garotas, que achavam uma “indecência” aquele comportamento. Tentei falar-lhes do nosso hábito de não trocar roupas na praia. Ele me respondeu: “Mas as meninas andam quase nuas lá...”

2.

Recebi, uma vez, um casal holandês muito simpático, que veio aprender português aqui na Bahia. Evald e Renarte. Já viajados pelo mundo, ele a 11ª vez que vinha ao Brasil, louco pela nossa MPB, ela médica, cirurgiã infantil, já tinha passado algum tempo no Ceará prestando serviços voluntários em um hospital. Não sabendo desses antecedentes de viagens, recomendei que evitassem o uso de joias e relógios durante a estada aqui em Salvador. Ele não usava nada, mas eu notei no pescoço de Renarte uma finíssima e quase invisível corrente de ouro, no alto dos seus quase dois metros de altura. Ela me disse que seria muito difícil alguém tentar retirá-la. Na véspera de sua viagem foram ver a “Terça da Benção”⁶ e no aperto de tanta gente foram surpreendidos por um mini arrastão de pivetes, que apontando para o céu tentavam mostrar algo aos turistas. Quando eles levantaram as cabeças foram roubados em alguns dos seus pertences, tendo um garoto habilmente pulado no pescoço de Renarte, retirando-lhe a corrente. Ela me contou tudo isso num tom muito normal, como se aquilo não tivesse afetado a sua passagem aqui pela Bahia...

6 Espectáculo percussivo musical com o grupo Olodum, que acontece no verão de Salvador, no Pelourinho, bairro do Centro Histórico de Salvador.

3.

Estudante suíço de meia idade, ingênuo, adorava ir ao Porto da Barra e ficava surpreso com todo o assédio que lhe era dispensado pelas “garotas” da praia. Apesar das minhas recomendações e explicações, ele não sabia distinguir quem era “garota” e quem tinha outra “profissão”. Pensava em casar-se com uma brasileira e levá-la para a Suíça, para compartilhar sua vida solitária. Todo dia ia à praia dar um mergulho e pagar cerveja para as “meninas” e seus amigos. Um dia acordou na delegacia com um corte na testa, sem saber o que tinha acontecido. Disseram-lhe que se recusara a pagar a conta do bar e que foi encontrado caído no chão. Não se lembrava de nada. Apesar disso tudo, continuou indo à praia do Porto, pagar cerveja para todos. Voltou desiludido para a Suíça, sem encontrar moça para casar, levando, ao invés, um filhote de gato abandonado no aeroporto a quem chamou de Miau. Miau agora passeia orgulhoso na neve do quintal da casa de seu novo dono, de guiso dourado e fita vermelha no pescoço, chamando atenção dos vizinhos pelo seu miado e suas pequenas orelhas, incomuns nos gatos suíços.

– Ainda penso em voltar ao Brasil – disse-me – mas desta vez para levar uma “gata”.

4.

Outro estudante suíço, menos ingênuo, desconfiado do assédio que teve no Porto da Barra e não se achando “essa beleza toda”, perguntou ao guia sobre “as meninas” do Porto: “São meninas mesmo ou são prostitutas?”⁷

Por via das dúvidas, ele casou-se com uma mineira.

5.

Marcel, suíço, também veio aprender português aqui na Bahia. Depois de alguns dias e já devidamente instalado aqui em minha casa (eu tinha um contrato de parceria com o curso), perguntou-me quais seriam as suas tarefas na casa... e sugeriu que podia passear com a Meg (minha cadelinha), molhar as plantas ou fazer qualquer outra coisa...disse-lhe que ia pensar e como demorei um pouco ele voltou a mim impaciente e chateado, dizendo que precisava de uma lista, por escrito, de suas atribuições e responsabilidades na casa para sentir-se bem e incluído. Dei-lhe uma lista de afazeres que cumpriu com a maior alegria e responsabilidade. Afeiçãoou-se muito a Meg e como era tímido, utilizava-se dela para passear até cinco vezes por dia, dando-lhe acarajé e água de coco, coisas em que ela ficou viciada. O problema surgiu quando ele quis levá-la a restaurantes e foi barrado na porta. Indignado falou-me

7 Na Suíça, as prostitutas têm lugares próprios para desfilar e se oferecerem.

que aqueles restaurantes nunca veriam a cor do seu dinheiro! Outro problema foi com os ônibus que também não aceitaram Meg como passageira. Outra indignação! “Na Suíça – dizia-me ele –, os cães são tratados com mais respeito!”

6.

Silvia, suíça-alemã de Zurique, meiga e sensível, veio aprender português na Bahia, mas antes fez um estágio em São Paulo voluntariando-se para trabalhar e morar numa comunidade, trabalhando com crianças em situação de risco. Chegando aqui em Salvador logo solicitou à escola uma instituição onde ela pudesse prestar serviços voluntários, e a escola indicou uma, que ela ia à tarde, após as aulas.

No café da manhã veio me contar toda contente onde estava trabalhando e eu fiquei apavorada e preocupada pelo bairro em que ela estava prestando serviços, próximo a uma área perigosa, conhecida pelo tráfico de drogas, assaltos e balas perdidas... Falei a ela do perigo que estava correndo, para voltar mais cedo para casa, antes do escurecer, e ela me respondeu:

– Ora, em São Paulo, toda manhã, para sair de casa, eu tinha que pular por cima de alguns cadáveres...

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em março de 2019.
